

## Quem quis queimar a Amazônia?

José Sarney

O inestimável patrimônio da Amazônia mostra o desafio que nos cabe proteger no campo da ecologia. A Amazônia custou sangue, luta, heroísmo e sacrifício dos nossos antepassados que conquistaram aqueles imensos espaços.

Cabe-nos a todo custo evitar sua degradação. É claro que a Amazônia é mais importante para o Brasil íntegra do que degradada. Qualquer desenvolvimento tem que ser feito dentro da visão ambiental. Assim nos comprometemos na Declaração de São Francisco de Quito, de acordo com o Tratado de Cooperação Amazônica entre o Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname. Devemos aceitar todas as formas de cooperação, venha como vier. A Amazônia é patrimônio da humanidade, como o é a Terra inteira, sem que os Estados renunciem à sua soberania, nem se submetam à tutela internacional para cumprir seu dever.

Hoje, a Amazônia é tema indispensável na agenda mundial. Todos estão preocupados com ela, esquecidos de que, se ela existe, se permanece a floresta fascinante e misteriosa, é por obra e graça do povo brasileiro, do povo amazônica que, por séculos, resistiu à fome e às doenças, possuindo apenas a vida, o dia, a noite e as águas, reagindo à invasão e à destruição.

A Amazônia foi sempre sedução e cobiça. A tese de sua internacionalização não é de agora. As florestas tropicais do mundo foram destruídas pelos impérios colonizadores. Com o Brasil, foi diferente. Resistimos.

No século 19, foi criada a Amazon Steam Navigation Company, incorporada pela firma Le Rou, Bayard, Co. com o objetivo de explorar os rios e a Amazônia. Segundo Arthur Reis, "tomou corpo a alegação de que o Brasil cometia crime contra a humanidade", evitando a civilização, quando se opunha a entregar os rios e as terras à colonização estrangeira. Matthew Fontaine Maury, um dos chefes da idéia, no livro "The Amazon River and Atlantic Slopes of America", 1853, afirmava que a "Amazônia não podia ser fechada para a humanidade", estava aguardando raças fortes e decididas para "sua conquista científica e econômica."

Já nos princípios do século 20, a idéia era outra. Abrir a Amazônia às famosas "chartered companies", que devastaram a África e Ásia. O ofício 1.902, do Barão do Rio Branco, denunciava o chanceler Richtofen, que exigia do Brasil que "não privasse o mundo das riquezas naturais da Amazônia". Depois da Segunda Guerra, veio a idéia de povoar a Amazônia com os excedentes populacionais da Ásia. Em seguida, a Unesco votou uma resolução nesse rumo, rechaçada pelo Congresso brasileiro, tendo à frente a figura do velho Bernardes.

Na década de 60, o Instituto Hudson, em estudo da Rand Corporation, lança a idéia do grande lago de mais de 1 mil km<sup>2</sup>, de Tefé, no Solimões, até Monte Alegre, no Pará. Inundar a floresta! Resistimos.

Em recente documento, uma associação poderosa, com extensas ramificações internacionais, emitiu um documento em que se afirma ser nossa posse sobre a Amazônia, como dos outros países da região, "meramente circunstancial".

Ressurge sempre o tema da internacionalização. As palavras mudam. As idéias não. Mas o certo é que o Brasil preservou a Amazônia e não se curvou. Ela aí está, testemunha do princípio das terras. Brasileira e Amazônia, aberta ao fascínio mundial graças aos "fanáticos" que evitaram sua destruição, tentada em nome da civilização, do progresso e de "raças fortes".

Conservar sim, mas internacionalização nunca.